

acham-se nas obras de Gil Vicente (1470-1536), e F. de Holanda (1517-1584), etc.<sup>1</sup>

Além da forma *enbres* a palavra latina *inversum* produziu em português *envez* «o lado oposto ao direito, o lado que não deve ser exposto à vista»<sup>2</sup> (= esp. *envés*), que supõe a assimilação do *r* ao *s* em latim vulgar: \**envessum* por *inversum*, como *dossum* por *dorsum*, etc.

Universidade de Lund.

GUNNAR TILANDER.

### Miona<sup>3</sup>

No testamento<sup>4</sup> da *regina* D. Mafalda<sup>5</sup>, filha de D. Sancho I, ocorre a palavra *miona* nos seguintes passos: «Dimitto etiam eis illam hereditatem scilicet mohes et medietatem valle de conde et de homicidio quam mihi dimisit miona domna Orraca»; «mando quod remansit de meo herdamento mione domne Orrace....».

Quem desconhecer a palavra e a procurar em qualquer dos dicionários ou vocabulários da nossa língua arcaica poderá encontrá-la com a respectiva significação<sup>6</sup>, mas em nenhum, pelo menos nos que tive ocasião de consultar, se cita qualquer passo abonatório. No *Elucidário para meono*, que é nitidamente a forma masculina da palavra que estamos analisando embora com uma pequena variante gráfica,

<sup>1</sup> J. J. NUNES, *ob. cit.*, p. 238, nota 2.

<sup>2</sup> Fr. DOMINGOS VIEIRA, *Grande diccionario portuguez*; W. MEYER-LÜBKE, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, art. 4530.

<sup>3</sup> Foi o professor de Paleografia e Diplomática da Faculdade de Letras de Lisboa, Dr. João Martins da Silva Marques, que me aconselhou a composição destas linhas. Aqui fica o meu público reconhecimento pelas facilidades que me proporcionou nas investigações a que proceci no Tórre de Tombo para este e outros trabalhos, assim como pelas suas inesquecíveis palavras de carinho e de encorajamento.

<sup>4</sup> Foi publicado pela primeira e infelizmente até hoje única vez nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portugueza* por D. ANTÓNIO CAETANO DE SORSA, vol. I, p. 31. Aí a leitura deste documento é do pior que há; merecia ser publicado dentro das normas da ciência moderna. No primeiro passo *miona* foi lida como *misna*; no segundo *mionae*.

<sup>5</sup> Acércia desta infanta cfr. HERCULANO, *Hist. de Port.*, vol. IV, pp. 15, 19-21, 62-63, 64 (8.ª ed.).

<sup>6</sup> No *Elucidário* (2.ª ed.) s. v., lê-se «Meana, e Miана, ou Miona. O mesmo que Mana, Madama, e Madonaz».

diz-se que «nas inquirições reaes de 1258 se acharam tres casaes, que a Ordem do Hospital tinha na freguezia de S. Martinho de Mouros, no lugar de Portugéés (hoje Portuges) pertencentes à commenda de Barrô, *quae fuerunt de Meono Domno Egea*». Apesar das buscas que fiz para tal através das citadas *Inquirições* e dos respectivos indices não consegui localizar este passo.

Viterbo explica a palavra de igual modo no *Dicionário Portátil*. O seu sentido é o de *senhora*, mas *senhora* da mais alta nobreza não só por linhagem própria mas também por ser casada com um nobre. O seu emprêgo era, portanto, idêntico ao do francês arcaico *dame* que, segundo Bloch<sup>1</sup> «était le titre donné à la femme d'un noble, par opposition à celle d'un bourgeois, appellée *demoiselle* encore au XVII siècle»; como prova do seu uso em português antigo nestas condições basta dizer que na verdadeira floresta de nomes que são os *Livros de Linhagens*, entre tantas e tantas damas nobres que lá são citadas poucas, muito poucas mesmo, mereceram tal epíteto, nesta forma ou em qualquer das suas variantes: só a espósa de Egas Moniz, D. Teresa Afonso, D. Elvira Gonçalves de Palmeira, espósa de D. Rui Nunes das Astúrias e, como veremos, poucas mais.

O vocábulo *miona* já foi explicado: Huber<sup>2</sup>, José Joaquim Nunes<sup>3</sup> e Cornu<sup>4</sup>, pelo menos, já trataram dele. A explicação tem base em *mea domna*, onde a queda do *-d-* e a fusão do *a* ao *o* facilitaram a formação desta palavra das duas apresentadas. De *mea domna* também derivaram *meana*, *miana* e *minhana*, mas por outro processo. Como se verifica em todas as variantes houve um fenómeno comum: a queda do *d*; apesar de este fonema ser inicial o facto não deve parecer estranho; as palavras constituíam um todo com vida própria. Há mais casos da queda dum *d*- inicial em casos semelhantes ao presente; além de *ameixa* (de *pruna damascena*), *noane* (de *Domno Johanne*) temos ainda *aona* de *a donna*<sup>5</sup>. Nas *Inquisitiones*<sup>6</sup> ocorre ainda o vocábulo *cadaya* (leia-se *cadaia*) por *cada dia* nos seguintes

<sup>1</sup> *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*, 1932. Les Presses Universitaires de la France, Paris. S. v. *Dame*.

<sup>2</sup> *Altportugesisches Elementarbuch*, 1933. Carl Winters, Universitätsbuchhandlung, Heidelberg.

<sup>3</sup> *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 1930. Livraria Clássica Editora, Lisboa.

<sup>4</sup> *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, 1906. Karl J. Trübner, Strassburg.

<sup>5</sup> Os exemplos até aqui citados são de J. CORNU, *op. cit.*, § 176.

<sup>6</sup> P. 380, col. 1.

passos: «... que cante *cadaya* missa por a Rayna... et que o immensassem *cadaya* in oracione aa Colazom... que metesse *cadaya* oracion por ela et por sua geerazom sobre sua mesa...» Além da queda do *d* temos agora a considerar a evolução do *o* para *a*; este fenómeno, pelo menos para o caso presente, julgo-o com pesar ainda não explicado. Em minha opinião essa passagem, talvez um pouco esporádica em sílabas tónicas, explica-se da mesma maneira que o latim *domina* gerou em francês *dame*. Para Darmesteter, no *Traité de la Formation de la Langue Française* que acompanha e precede o seu *Dictionnaire Étymologique*, o fenômeno «constitue une exception difficile à expliquer» (§ 327), mas para Oscar Bloch<sup>1</sup> foi «un développement particulier de la voyelle *o* quand le mot était en position inaccentuée devant un autre». O grupo *mn* sofreu por sua vez o mesmo destino que para *dona* e portanto para *miona*. Minhana explica-se de *miana* tal como *minha* de *mia*; como se sabe é tónico antes de vogal *a* e o principalmente precedido de nasal desenvolve entre si e a vogal seguinte o som palatal *nh*, depois de ter sido nasalizado pela consoante precedente. Cf. *mia* > *m̄ia* > *minha*; *Monio* > *Mon̄io* > *Moninho*; *nidu* > \**nio* > \**n̄io* > *ninho*; *menio* > *mentio* > \**men̄io* > *mentinho*. Para *menio* cf.: «Qverem hua suspeição fique ao menio» (*Ined. de Alcob.*, 1.<sup>o</sup>, p. 279); «Ca Samuel e Daniel menios juigaram os sacerdotes» (*idem, ib.*, p. 282). Para *meninho*: «E sse alguum meninho naçe assy come oie... de ssa auoenga deste meninho ou desta meninha» (*Leges*, p. 234). *Salina* > arc. *saina* > arc. *sainha* (*apud Cortesão, Substidos*).

A primeira vista pode parecer redundância o facto de existir nos passos citados logo no inicio do presente trabalho a expressão *miona domna*, visto que logo na primeira palavra está, embora um pouco oculta, a forma *dona*. Para isso note-se o facto de a nobre mulher da Galiza do século X, que tam largos haveres parece ter possuído, mais de uma vez se lhe chama *Domna Mummadonna*<sup>2</sup>. Com as variantes de *miona* sucede por vezes outro tanto, como se pode verificar nas abonações que dou a seguir.

<sup>1</sup> *Dict. Étymol.*, s. v. «Dame».

<sup>2</sup> Cf.: «Ego Godon volis *domna mummadonna*. Placuit mihi bone pacis uolumptas ut facerem uobis...» (*Dipl. et Chartae*, p. 34); «Ego uerenaudus adefosti uobis tia nostra *domna mummadonna*. Placuit mihi atque couenit nullius...» (*id., p. 38»); «Ego enim Ranemirus principem uobis dominis inuictissimis mundique triumphatoribus sine et uobis tie nostre *domna mummadonna* et fratribus atque sororibus uestris habitantibus huic loco...» (*id., p. 41*).*

*Meana:* «Esta dona *meana* eluira gonsaluez de palmeira, filha de dom gonsalo rodrigiz de palmeira... se vê (sic)<sup>1</sup> casada com dom Roy nuniz das esturas...» (*Script.*, p. 221); «... dom Ruy Nuniz das Esturas que se vê (sic)<sup>1</sup> casado com dona *meana* Eluira Gonçalluez de Palmeira irmãa de dom Ruy Gonçalluez que he no titullo xxx iii.<sup>o</sup> desta dona *meana* Eluira Gonçalluez» (*idem*, p. 284); «... Maria Gonçalluez, filha de dom Gomçallo Fernamdez Chaçinha e de dona Tareya Martiiz filha de dom Martim Vaasquez da Euynha como sse mostra no titullo xxxii de dona *meana* Eluira Gonçalluez de Palmeira parrafo ii.<sup>o</sup>...» (*idem*, p. 286); «Esta dona *meana* Eluira Gonçalluez de Palmeira... se vê (sic)<sup>1</sup> casada com...» (*idem*, p. 310). O masculino era *Meono*; cf.: «... e disse que foy do *meono* don Meendo Moniz e de *miana* dona Xphina...», (*Braamecamp Freire, A hora de Resende*, p. 45<sup>2</sup>).

*Miana:* «Este Ayres Carpinteiro onde vem os Ramirões foi casado com a *miana* de Selharis e de Tevora que fez Lomar, e fege nella Ramiro Ayres e Soeiro Ayres e Mem Ayres...» (*Script.*, p. 169); «... e non ouve nessa sa molher nenhum filho, e casou D. Gonçalo com outra molher D. Dordia Viegas, filha de D. Egas Moniz e de *miana* D. Tereja de Cerzeda...» (*idem*, p. 176). Cf. ainda o último passo citado para *meana*.

*Minhana;* «Este dom Gonçalo de Sousa foi casado com D. Dorda Veegas filha de D. Egas Moniz de Riba do Douro e da *minhana* D. Tareia que fez a Sarzeda...» (*Script.*, p. 144); «O conde D. Vasco Sanches foi casado com D. *minhana* Urraca Veegas de Tuyas, filha de D. Egas Moniz de Riba do Douro, e da *minhana* D. Tereia...» (*idem*, 145); «... e D. Pero Paes foi casado com D. Eluira Viegas filha de D. Egas Moniz de Riba de Douro, e da *minhana* D. Tareia de Sarzeda...» (*idem*, p. 153); «... casou outra vez com D. Urraca Viegas de Tuyas filha de D. Egas Moniz de Riba de Douro, e da

<sup>1</sup> Se é é um imperdoável erro de leitura; ocorre bastas vezes nos *Livros de Linhagens* publicados nos *Scriptores*. Só pode ter a atenuá-lo o natural atrassamento da ciéncia filológica na época em que os monumentais *Portugaliae Monumenta Historica* foram elaborados. A verdadeira leitura é, como aliás é de sobejó sabido, *seve*, 3.<sup>a</sup> pessoa do sing. do pret. perf. de indic. de *ser*. De *sedit*. A idéia do escriba e a verdade histórica ficam deturpadas com aquele erro filológico. A expressão *se vê* tem uma ideia de presente; *seve* de passado; daqui pode resultar êrros grosseiros no que diz respeito à data da composição da obra, ou da época dos personagens a que se alude nesses passos. Cf. a propósito do mesmo êrro filológico RODRIGUES LAPA, *Ligações de Literatura*, p. 210.

<sup>2</sup> In *Archivo Histórico Portugués*, vol. iv.

*minhana* D. Tareja que fez o mosteiro de Sarzedo» (*idem*, p. 158); «... e este Nuno Paes Vida foi casado com *minhana* D. Gontinha Nunes» (*idem*, p. 168); «... e ouue em ella dom Rodrigo Gonçalluez de Pereyra, e dom Gonçallo Gomçalluez, o que fundou Namdim, e a *minhana* dona Eluira Gomçalluez de Palmeyra...» (*idem*, p. 284); «casou com dona Dordia Veegas filha de dom Egas Moniz de rriba de Doyro o bem aventuyrado e da *minhana* dona Tareyja Affomssso que fez o moesteiro de Salzedo...» (*idem*, p. 289); «... e fez em ella dom Moninho Ermigiz o gasto que foy casado com dona *minhana* dona Ouroana...» (*idem*, p. 316); «... e a segunda vez foi casado com *minhana* dona Tareyiasemso, a que fundou o moesteiro de Salzedo...» (*idem*, p. 317); «Este dom Egas Monis foi cazado a segundo ves com a *minhana* dona Tareja Affonso filha do conde dom Affonso das Asturias...» (*idem*, p. 321); «Este dom Ayras Carpenteiro foy casado com a *minhana* de Salhariz e de Tauosa...» (*idem*, p. 361).

Pelo que se pode verificar o número dos exemplos é maior do que à primeira vista se poderia julgar; deve-se ainda ter em conta que ao colhê-los não tive a louca pretensão de vir a apresentar todos; apresento apenas o que pude encontrar nas pesquisas que para isso procedi. Entre tantos exemplos é interessante observar que de *Miona*, a causa destas notas, nada encontrei. Portanto julgo de certa importância o documento e respectivos passos que cito no inicio deste trabalho. Tudo o que aparece nos documentos já passados pela letra redonda arruma-se perfeitamente dentro de *meana*, *miana* e *minhana*. De *meono* nada até agora descobri nas aturadas investigações a que procedi para ir além do passo de Viterbo, que não consegui, como disse, localizar, e do de Braamcamp Freire. Aquelas três formas já tinham sido apontadas pelo Dr. Leite de Vasconcelos na *Antropónimia Portuguesa*<sup>1</sup>. Os exemplos que o venerando mestre apresenta, sem que aliás transcreva os passos, é que são, à vista dos que acima citei, deminutos. Não citou *miona*, mas em compensação parcial notou também a particularidade de essas palavras andarem por vezes associadas a *Dom* ou *Dona*. Embora as investigações feitas por mim não tenham um carácter exaustivo, apesar de feitas com alguma profundidade, posso mesmo assim afirmar sem receio de contradição que ia para as senhoras a prioridade do emprêgo de tais epítetos. Os exemplos que acima apontei podem servir de testemunhos. Julgo ver nessa característica um reflexo do seu quê de feudalismo, mas prin-

<sup>1</sup> P. 19.

cipalmente de cortesano. Acêrca da maior generalização dessas palavras para damas vejo já aí uma antiga tendência muito portuguesa de reservar para o sexo frágil certas formas de tratamento respeitoso; veja-se hoje em Portugal, ao contrário do que sucede na Espanha, o emprêgo quase nulo do *Dom*, em contraposição com o uso muito mais largo de *Dona*.

Das quatro variantes a que mais largo emprêgo parece ter tido foi sem dúvida *minhana*. À luz da quantidade dos exemplos chega-se facilmente a essa conclusão; a causa da sua preferência deve estar na influência que o pronome *minhana* teve sobre a forma tornando-a mais explícita.

Como vimos, uma das palavras que está na base das acima apontadas é *dona*. Como se sabe foi a palavra latina *domina* que evolucionou até atingir aquela. Ora na época do português apareciam as formas *domno* e *domna*. Referiam-se a pessoas. Cf.: «... ego Sancius dei gratia portugalensis rex... facio cartam nobis domno Lupo fernandj magistro milicie templi in Regno meo... de acafa (*sic*)...» (Docmt. inédit. da Torre do Tombo<sup>1</sup>); «... ego. *Alfonsus* dei gratia Rex portugalensis, una cum uxore mea Regina domna Beatrice...» (Chanc. Afons. III<sup>2</sup>); «... ego Alfonsus dei gratia Rex portugalensis una cum uxore meam Regina domna Beatrice illustris Regis Castelle et Legionis filia. et filijs nostris infantibus. domno Diyonisio. et domno Alfonso. et filia nostra Infantissa domna Blanca...» (Chanc. de Afonso III<sup>3</sup>). Quando se referiam à divindade era a forma *domino* a usual<sup>4</sup>. Cf.: «In nomine Domini amen. Esta he a Carta de vendicom, e de perduravel firmidoem...»<sup>5</sup>; «In nomine Domini amen.

<sup>1</sup> Coleção Esp., caixa 28, n.º 23. A data é 5 de Julho de 1198.

<sup>2</sup> Fl. LXVI r. Documento de 1262.

<sup>3</sup> Fl. 66 v. Documento datado de 16 de Março de 1263.

<sup>4</sup> Nas *Dissertações Chronológicas* (tom. I, p. 267) João Pedro RIBEIRO apresenta-nos um documento de D. Afonso II datado de Julho de 1211 onde *dominas* aparece referindo-se a D. Sancho I e *domino* à rainha D. Dulce; de perigo também aparecem as formas *domna*, *domna* referindo-se igualmente, neste caso como era de esperar, a pessoas. O passo é como segue: «In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Santi amen. Ego Regina Domna Mahalda, Domini Saucii illustrissimi Portugalensis, et Regine Domine Dulcie filia, notum facio omnibus... quod cum olim, vivente patre meo, auctoritate ejus, cantassem Ecclesianam, sive heremitagium Sancti Johannis de foce Dorii Domno Menendo... et religiosis Abbatis Sancti Tarsi Domini Menendi...». Não sei se a leitura é boa, pelo que cito estes passos sob todas as reservas.

<sup>5</sup> J. PEDRO RIBEIRO, *ob. cit.*, tomo II, p. 237; documento de 10 de Outubro de 1324.

Noverint universi quod coram nobis G. Dei, et Apostolice Sedis gratia, Colimbriensi Episcopo...<sup>1</sup>. João Pedro Ribeiro<sup>2</sup> cita um «Códice do Mosteiro de Paço de Sousa, o qual contém Cartas do Abade Fr. João Alvez, e conclue — Qui scripsit, scribat, et semper cum Domino vivat. Fuit perfectus liber iste 15. Kal. Decembris, anno Domini 1477».

A forma *dona* deve ser antiga; o exemplo mais antigo que conheço é de 1089: «Hereditate propria... quam comparaui de dona maria»<sup>3</sup>.

Abril de 1937.

JOSÉ PEDRO MACHADO.

*Nota.* — Nos passos abonatórios não sublinhei as palavras que as motivaram para não fazer confusão com o desenvolvimento das abreviaturas. Como tive o cuidado de encurtar o mais possível esses passos, as palavras facilmente se acharão.

### Du langage-écho en portugais

3.<sup>a</sup> *Aditam.* — Un bel exemple de langue-écho se trouve dans Colette, «La Vagabonde» (1910), p. 225: Max reproche à «la vagabonde»: «...tu ne m'as pas dit: *je t'aime*» et celle-ci commente le fait de la façon suivante (les points de suspension vont dans le texte):

C'est la vérité. J'espérais, follement, qu'il ne s'en apercevrait pas. Un jour, un autre beau jour, je soupirais si fort dans ses bras que le mot «...t'aime...» s'est exhalé de moi, comme un soupir un peu plus hant, et, tout de suite, je suis devenue muette et froide...

«...T'aime...» Je ne veux plus le dire, je ne veux plus le dire jamais! Je ne veux plus entendre cette voix, ma voix d'autrefois, brisée, basse, murmure irrésistiblement le mot d'autrefois...

et, finalement, elle se résout, par égard pour Max, à commettre encore une fois le pieux mensonge:

Pauvre chéri... ne soyez pas méchant, ne soyez pas triste! Oui, je vous aime,—je t'aime, oh! Je t'aime... Mais je ne veux pas te le dire.

*t'aime* est une sorte d'écho, d'écho, cette fois intérieur, à la formule classique des scènes d'amour *je t'aime*, un écho débarrassé de

<sup>1</sup> Idem, ibid., p. 245; doc. de 28 de Setembro de 1301.

<sup>2</sup> *Dissertações*, tom. iv, part. 1.<sup>a</sup>, p. 69.

<sup>3</sup> *Leyes*, p. 430.